

MUDANÇA SINTÁTICA E GÊNERO TEXTUAL, VARIAÇÃO E ESTILO

SYNTACTIC CHANGE AND TEXTUAL GENRE, STYLE AND VARIATION

Marco Antonio Martins ¹

Resumo: Tendo por base os pressupostos teórico-metodológicos da teoria da variação e mudança linguística, mais especificamente aqueles centrados no estudo da mudança sintática, apresento, neste artigo, uma análise preliminar dos padrões de colocação dos pronomes clíticos em cartas de leitor, cartas de redator e anúncios de jornais paulistas do século XIX, que integram o *cópus* mínimo do Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB). O objetivo é verificar a correlação/o condicionamento do gênero textual no uso da próclise ou da ênclise na amostra, no sentido de fazer uma discussão sobre a relação entre mudança sintática, gênero textual e estilo. Os resultados mostram que, na amostra analisada, considerando os contextos XV em que X é um sujeito não focalizado, um advérbio não modal ou um sintagma preposicional, o gênero textual não parece se mostrar significativo em relação ao uso da próclise.

Palavras-chave: Mudança sintática; gêneros textuais; estilo

Abstract: Based on the theoretical-methodological assumptions of the theory of linguistic variation and change, more specifically those focused on study of syntactic change, I present in this article, a preliminary analysis of the patterns of placement of pronouns clitics in reader letters, letters to the editor and newspaper advertisements, from São Paulo of 19th century, incorporating the *cópus* minimum of project for the *History of Brazilian Portuguese (PHPB)*. The goal is to verify the correlation/the conditioning of textual genre in the use of proclisis or enclisis in the sample, in order to make a discussion about the relationship between syntactic change, textual genre and style. The results show that, in the sample examined, considering (Y)XV contexts where X is preceded by a – non-focused – subject, non-modal adverb or prepositional phrase, the textual genre doesn't seem to show mean in the use of proclisis.

Keywords: Syntactic change; textual genres; style.

INTRODUÇÃO

Pesquisadores de diferentes regiões do Brasil, no âmbito do Projeto temático para a *História do Português Brasileiro (PHPB)*, estão trabalhando na organização de um *cópus* mínimo comum constituído de textos escritos no Brasil no curso dos séculos XVIII, XIX e XX, considerando diferentes gêneros textuais. Esse *corpus* reunirá textos manuscritos – testamentos, processos-crimes, atas de câmara, cartas particulares, cartas da administração privada e cartas oficiais – e textos impressos – anúncios, cartas de redatores e cartas de leitores.

¹ Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina; professor do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: marcomartins@ufrnet.br.

Tendo em vista uma pequena amostra desse corpus ainda em formação, o objetivo deste artigo é fazer (na verdade iniciar) uma discussão sobre a relação entre o reflexo do processo de mudança sintática associado a um fenômeno na sintaxe do português já bastante estudado – a colocação dos pronomes clíticos – e diferentes gêneros textuais considerados no corpus mínimo do PHPB. Especificamente, apresentarei, com base nos pressupostos teórico-metodológicos da teoria da variação e mudança linguística (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 1968), uma análise dos padrões de ordenação dos pronomes clíticos em anúncios, cartas de leitores e cartas de redatores de jornais paulistas do século XIX, disponibilizados já pelo projeto².

As hipóteses a serem testadas são as de que (i) a ordenação dos pronomes clíticos no corpus reflete diferentes padrões correlacionados/condicionados pelos diferentes gêneros textuais observados e (ii) os diferentes padrões atestados podem ser interpretados como a competição de diferentes gramáticas que refletem, no uso, a constituição da norma no Brasil do século XIX.

2. A COLOCAÇÃO DE CLÍTICOS EM DIFERENTES GÊNEROS TEXTUAIS: VARIAÇÃO E ESTILO

Alguns estudos sobre a colocação dos pronomes clíticos em textos brasileiros foram desenvolvidos, por diferentes pesquisadores, no âmbito do PHPB. Retomarei a seguir resultados de autores que consideram textos brasileiros do século XIX (CARNEIRO, 2005; PAGOTTO; DUARTE, 2005; MARTELOTTA *et. al.*, 2009; CARNEIRO; ALMEIDA, 2009; MARTINS, 2009³). O objetivo será retomar os diferentes padrões atestados considerando diferentes gêneros textuais. Para os fins deste artigo, me voltarei apenas a um contexto bastante específico no que se refere à variação ênclise (Vcl)/próclise (clV): orações finitas não dependentes em que o verbo é antecedido por

² Os textos estão disponíveis no sítio <<https://sites.google.com/site/corporaphpb/>>, organizado por Afrânio Barbosa e Marcelo Mòdolo.

³ Importante referir, ainda, o estudo de Pagotto (1992) que apresenta uma análise diacrônica da ordenação de clíticos em português com base numa amostra extraída de um corpus de natureza vária (cartas e documentos oficiais) e numa diacronia que contempla os séculos de XVI a XX. A análise do autor contempla, num total de 1.436 orações, diferentes contextos sintáticos e, consequentemente, diferentes padrões de variação de ordenação. Tendo em vista os *contextos de variação diacrônica* – orações com verbo simples em sentença matriz – em que estão excluídos os casos em que o verbo é precedido por elementos “atratores”, como refere o autor, e por gerúndios e infinitivos, os dados analisados por Pagotto somam em 436. Sobre esses contextos, os resultados obtidos por Pagotto mostram que: primeiramente, a próclise é o padrão de ordenação em textos escritos até o início do século XIX (83% e 84%, referentes ao século 16; 92% e 88%, referentes ao século XVII; 85% e 85%, referentes ao século XVIII; e 89%, referente à primeira metade do século XIX); em segundo lugar, apenas nos textos do final do século XIX e início do XX há uma queda gradativa da próclise (55%, referente aos textos do final do século XIX e 29%, referente aos textos do início do século XX); em terceiro lugar, há nos textos da segunda metade do século XX, novamente, um aumento na proporção da próclise (54%). Em relação ao primeiro quadro, Pagotto assume que o padrão proclítico atestado nos textos não pode refletir a gramática do PB tendo em vista que os textos analisados desse período são, claramente, de autores portugueses. Em relação ao segundo quadro, o autor interpreta a queda da próclise nos textos do século XX como reflexo da pressão do padrão enclítico da gramática do PE. O terceiro quadro parece revelar, enfim, nos textos da segunda metade do século XX o padrão proclítico da gramática do PB. Para sumarizar, no que diz respeito ao contexto XV, especificamente, as taxas de clV atestadas por Pagotto em textos dos séculos XIX e XX são: **89%** e **55%** em textos do século 19; e **29%** e **54%** em textos do século XX.

(i) um sujeito não focalizado, (ii) um advérbio modal ou (iii) um sintagma preposicional – contexto XV, conforme exemplos a seguir.

(i) XV, SENDO X UM SUJEITO

(1) Desculpe a indiscrição... **O senhor ME diga** uma cousa: Afinal de contas, que festança é essa a realizar-se hoje aqui e que está movimentando tudo, como si os patrões estivessem esperando a visita de qualquer monarca?! [A filha do operário (1942) de Ildefonso Juvenal (1884-1965)]

(2) **O senhor ama-ME** também?... [Dolores (1889) de Horácio Nunes (1855-1919)]

c. Oh! Pérfidos! Tudo compreendo agora! **Eles SE amavam!** Foi um ajuste entre ambos... Uma negra traição que me urdiram!... [Quem desdenha quer comprar (1868) de José Cândido de Lacerda Coutinho (1841-1902)]

d. Ela ama-ME ... ama-me! [Raimundo (1868) de Álvaro Augusto de Carvalho (1829-1865)]

(ii) XV, SENDO X UM ADVÉRBIO

(3) Na noite do mesmo dia em que recolhi a triste engeitadinha e agasalhei-a em meu seio, tu, José, te apresentaste em minha casa e **encarecidamente ME pediste** agasalho, e depois te oferecestes a compartilhar de todos os meus trabalhos. [A engeitada (19??) de Joaquim Antonio de S. Thiago (1856-1916)]

(4) **Amanhã agarro-ME** às saias da tia Úrsula pra ficar em terra enquanto o nosso capitão não dormir a bordo. [Raimundo (1868) de Álvaro Augusto de Carvalho (1829-1865)]

(iii) XV, SENDO X UM SINTAGMA PREPOSICIONAL

(5) Estou sempre preparado! **Na minha bagagem SE encontram** os livros apropriados. O alcorão quando vou ao Islã; o Talmud, a Israel; o Missal, ao Vaticano; Shakespeare, à Inglaterra; um livro para cada ocasião. [A morte de Damião (1954) de Ody Fraga (1927-1987)]

(6) **Nas minhas finas areias deitam-SE sereias**, cantando canções de amor. [Ilha dos casos raros (1928), de Nicolau Nagib Nahas (1898-1934)]⁴

Nos estudos aqui retomados três gêneros textuais são contemplados. Carneiro (2005), Pagotto e Duarte (2006) e Martelotta *et. al.* (2009) apresentam uma análise dos

⁴ Exemplos retirados de Martins (2010). As informações entre colchetes dizem respeito ao nome da peça de teatro seguido do seu respectivo autor e ano de nascimento/morte.

padrões de colocação em cartas pessoais; Carneiro e Almeida (2009) em atas; e Martins (2009) em peças de teatro.

Analisando cartas pessoais escritas do século 19, Carneiro (2005) apresenta dados interessantes em relação à alternância ênclise/próclise no contexto XV. A autora descreve os padrões de ordenação de clíticos num corpus de cartas pessoais escritas por brasileiros, nascidos no litoral e no sertão baiano no período que compreende o século XIX – entre 1809 e 1907, mais especificamente. Um resultado interessante apresentado por Carneiro diz respeito ao fato de a proporção de clV nas cartas ser sensível ao local (costa ou sertão baiano) de nascimento e ao grau de instrução (com ou sem formação superior ou equivalente) dos remetentes. Os resultados mostram que a proporção de clV é bastante elevada nas cartas de brasileiros cultos nascidos no final do século XVIII e início do século XIX na costa (67% e 60%), e não tão significativa nas cartas de brasileiros semi-cultos nascidos no início do século XIX no interior (39%). Paradoxalmente, é nos textos destes últimos que Carneiro encontra uma maior recorrência de construções características da gramática do Português Brasileiro (PB).

Considerando o ano de publicação do total de cartas observadas, os percentuais de próclise no contexto XV encontrados por Carneiro são de 69% para a primeira metade e 49% para a segunda metade do século 19 e 34% para a primeira metade do século 20. Retomarei esses percentuais no gráfico da figura 1, a seguir.

Ainda considerando cartas pessoais, Pagotto e Duarte (2005)⁵ observam a colocação de clíticos em cartas pessoais dos avós Ottoni, escritas, no Rio de Janeiro, entre 1879 e 1892, na segunda metade do século XIX, portanto. No que diz respeito às construções XV, os autores encontram: (i) 10 construções em que o verbo é antecedido por um sintagma preposicional, dentre as quais 8 são ocorrências nas cartas da avó, todas com próclise, e 2 nas cartas do avô (1 com próclise e 1 com ênclise); e (ii) 9 construções com SN sujeito pré-verbal, dentre as quais, 5 são extraídas das cartas da avó (4 ocorrências (80%) com próclise e 1 ocorrência (20%) com ênclise) e 4 são extraídas das cartas do avô (2 ocorrências (50%) com próclise e 2 (50%) com ênclise). Se somarmos as próclises nos dois contextos encontramos um percentual de 74% de clV em contexto XV nas cartas da segunda metade do século XIX⁶.

Também analisando cartas pessoais do século XIX, a equipe do PHPB do Rio de Janeiro apresenta, em Martelotta *et al.* (2009), uma análise de fenômenos morfossintáticos – sobre ordem e tratamento – em 18 cartas de homens ilustres a Rui Barbosa, num período correspondente aos anos de 1866 a 1899. A equipe apresenta análise de diferentes fenômenos sintáticos, dentre os quais, retomarei aqui aquela relacionada aos padrões de colocação dos pronomes clíticos no contexto XV.

Os resultados apresentados por Martelotta *et al.* sobre a colocação de clíticos nas “cartas a Rui Barbosa” dizem respeito à 475 ocorrências, 387 com formas verbais

⁵ Este trabalho dos autores é retomado num artigo em conjunto com os demais membros da equipe do PHPB do Rio de Janeiro, publicado no volume VI dos Anais do Projeto para a História do Português Brasileiro (LOPES *et al.*, 2006).

⁶ Importante se faz destacar que Duarte e Pagotto encontram uma diferença significativa na escrita do avô, Christiano Benedicto Ottoni, nascido em 1811, e da avó, Bárbara Balbina de Araújo Maia Ottoni, nascida em 1822. Na escrita de Bárbara há o predomínio de próclise.

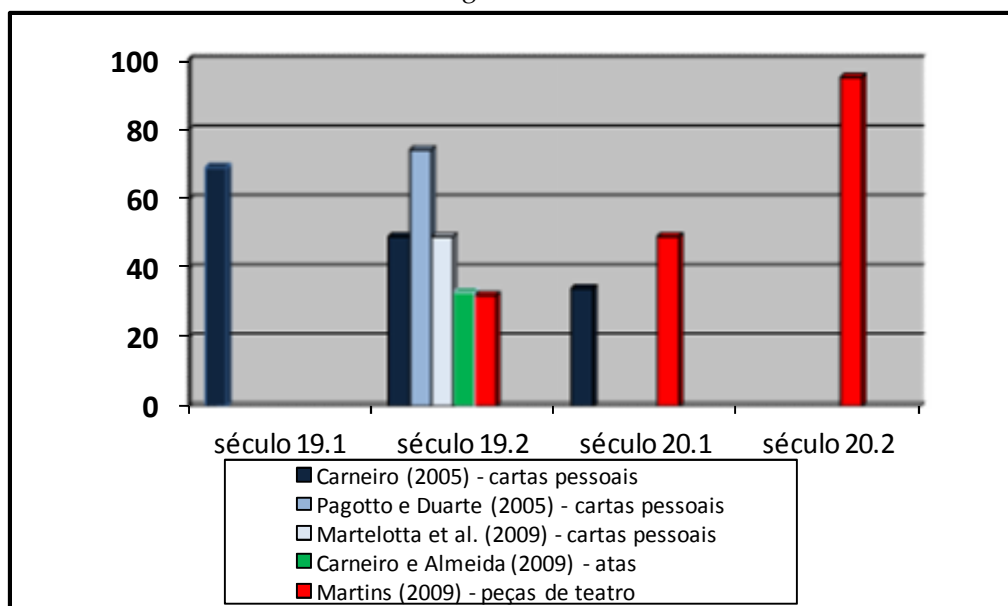
simples e 88 com complexos verbais. No que diz respeito às construções com formas verbais simples, os autores encontram 41 ocorrências, que são classificadas como estruturas V2, em que o verbo é antecedido por um sujeito, um sintagma preposicional ou um advérbio. Destas, 20 (49%) são construções com próclise.

Ainda considerando textos escritos por brasileiros no século XIX, mas oriundos de outro de gênero textual, Carneiro e Almeida (2009) publicam resultados sobre a colocação de clíticos em 15 atas escritas na Bahia por um ex-escravo no ano de 1862. Considerando o contexto XV, em que o verbo é antecedido por um sujeito neutro, um advérbio não modal e um sintagma preposicional, as autoras encontram nove ocorrências dentre as quais seis (67%) são enclíticas e três (33%) proclíticas. O percentual de ênclise nessas construções leva as autoras a afirmarem que o jovem ex-escravo, apesar de apresentar um baixo percentual de próclise, não escreve como um português nascido no mesmo período.

Tendo em vista textos dos séculos XIX e XX, Martins (2009) descreve e analisa os padrões de colocação em uma amostra de 482 dados extraídos de vinte e quatro peças de teatro escritas por brasileiros nascidos no litoral sul de Santa Catarina. Os percentuais encontrados pelo autor mostram que há uma evolução da próclise em contextos XV: de 22% no texto do primeiro autor representante do século XIX para 94% no texto do último autor representante do século XX. Considerando apenas a data de publicação dos textos, o percentual de XclV no curso dos dois séculos é: 32% nos textos da segunda metade do século XIX e 49% e 95% nos textos das primeira e segunda metades do século XX (MARTINS, 2009, p. 200).

Os resultados descritos acima em relação à colocação de clíticos na diacronia do PB em contextos XV, tendo em vista diferentes corpúscos constituídos de textos escritos por brasileiros, estão sistematizados nos gráficos da figura 1 a seguir.

Figura 1. Próclise em cartas pessoais, atas e peças de teatro – contexto XV – na diacronia do Português Brasileiro



Os gráficos na figura 1 acima reforçam a tese de que a escrita brasileira do final do século XIX e início do século XX reflete padrões divergentes no que se refere à ordenação de clíticos. Há uma queda das construções XclV nos textos da segunda metade do século XIX. Essa queda é, todavia, mais “sentida” nas atas e nas peças de teatro (cujos percentuais ficam em torno de 30%). Em cartas pessoais, a média dos percentuais fica em torno de 50%, chegando a 74% nas cartas analisadas por Duarte e Pagotto (2005). É importante considerar que, como já informado, a natureza dos textos é bastante diversificada nas análises retomadas – cartas pessoais, atas e peças de teatro. Muito provavelmente, não apenas o período, mas os gêneros textuais considerados influenciam na recorrência do uso da próclise nesse contexto.

Destaque-se, pois, que na segunda metade do século XIX, período para o qual são contemplados os três gêneros textuais em questão, as cartas pessoais apresentam já um alto percentual de próclise.

3. SOBRE A COLOCAÇÃO DE CLÍTICOS EM ANÚNCIOS, CARTAS DE LEITORES E CARTAS DE REDADORES NO CÓRPUS MÍNIMO COMUM DO PHPB

Apresento, nesta seção, uma análise bastante preliminar dos padrões de colocação de clíticos em três gêneros textuais contemplados no corpus mínimo comum do PHPB: anúncios, cartas de leitores e cartas de redadores. Como referido na introdução, foram considerados apenas os textos da primeira metade do século XIX do estado de São Paulo, coletados pela equipe regional do PHPB desse estado.

Considerando apenas o contexto (X)XV, foram encontradas no corpus em análise 41 construções – 23 orações com próclise e 18 orações com ênclise, conforme ilustram os dados da amostra a seguir.

XVcl

(7) *Na rua do Comercio caza numero 31 ACHA-SE| à venda umas dissertações da existencia de Deos im-|mortalidade e espiritualidade da alma, quem as quizer| comprar dirija-se a mesma Casa; preço quatro cen-|tos reis. O Farol Paulistano, 11 de janeiro de 1829 – ANÚNCIOS*

(8) *Apenas CHEGOU-NOS à noticia o funesto acontecimento praticado n’esta Cidade em a noite de 11 do corrente, quasi succumbimos pelo excesso do pezar; e as circunstancias do facto, quaes nos referirão, presentes á nossa imaginação, não permittuão(sic) diminuir se a energia d’estes sentimentos generosos, que são communs a todo o cidadão amigo da humanidade, da Patria, e da restricta observancia das leis. Farol Paulistano, 18 de abril de 1827 – CARTA DE REDATOR*

XclV

(9) *Na casa de Manoel de Aguirra Camargo em Ytú | bairro Capivarí de cima SE ACHA um negro boçal, | Nação Monjolo, de nome Benedicto, que anda fugi- | do, e apareceu na casa do mesmo á dois ou trez | meses. O Farol Paulistano, 07 de junho de 1828 - ANÚNCIOS*

(10) *Padaria Alemã (rua de São Bento número 6) | de Marco Belem & Loskiell: onde se achará pão, | bolaxas doces e salgadas, biscoitos á móda Alemã | para cha &c.: tudo feito com muito aceio. Tam- | bem se recebem carnes para assar no fôrno; e igual- | mente SE ALUGA uma porção de casas. O Farol Paulistano, 04 de fevereiro de 1830 - ANÚNCIOS*

(11) *Na loja da rua do Rozario Caza número 37 | se vende rapé princeza de superior qualidade che- | gado ultimamente de Lisboa ao Rio de Janeiro, | vendese as libras, e varejado: igualmente SE VEN- | DEM diversas fazendas de bom gosto por commodos | preços, e Caixas de tabaco com o retrato de Sua Majestade | a Imperatriz. O Farol Paulistano, 12 de junho de 1830 - ANÚNCIOS*

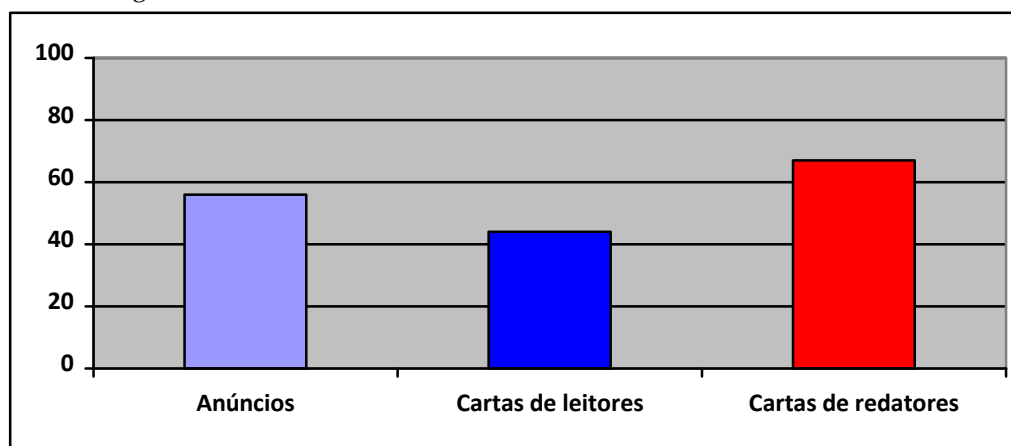
(12) Muito agradável nos foi a correspondencia do *Senhor Sertanejo*, e cordialmente lha agradecemos. E estamos prontissimos para receber as subscripções; e desde ja offerecemos dez acções annuaes; e folgariamos que no proximo seguinte anno de 1828 começassem a ir alguus jovens Paulistas para os paizes illustrados. A Provincia de São Paulo abunda de gente habilidoza, e de não vulgares talentos; e nos conhecemos uma boa porção de sugeitos muitos estimaveis em todo o sentido, e a quem a natureza dotou com mao larga. É tambem nesta Provincia quazi geral o espirito de liberdade, e o amor, e para assim dizer, avilaz de uma Constituição livre, e executada. *No meio dos sertões SE ENCONTRÃO*, (e nós temos encontrado) homens abrazados na chama da bem regulada liberdade social; e pode-se muito francamente asseverar que, com muito poucas, e não *lamentaveis* exceccões, é este o sentir da mor parte dos Paulistas. | | Nós contamos com muitas assignaturas para tão proveitozo fim; e por nós faremos, e por nossos amigos, e mais pessoas bem intencionadas nesta Provincia, que se estabeleça, e medre esta tão util sociedade. Tambem não duvidamos da generosa cooperação do *Excelentíssimo* Presidente, e das mais Autoridades. | | Muitos paes que, tendo filhos em circustancias de adquirirem instrucção, e não o podendo fazer por sua limitada fortuna, nenhuma duvida terão de concorrer para esta sociedade, que lhes pode prestar meios, que alias não poderiam obter. A muitos cidadãos caridozos se abre uma porta franca, e segura para fazerem effectiva beneficencia, sem o perigo de mal empregar sua caridade... Paulistas! Comecemos. | | Esquecia nos participar ao Publico, que no Brigue Dorothea, que actualmente se acha no porto da [corroído] de Santos recebendo carga para Hamburgo, estão para embarcar trez Paulistas, que se destinão às Universidades de Alemanha. Um deve sua ida á beneficencia de alguns particulares, entre os quaes sabemos ser o nosso honrado *Sertanejo*: outro aos disvellos e louvavel economia de sua respeitavel mãe: o terceiro ao zelo, e muito boas intenções de seu tutor e cunhado. | | Muita gratidão a estes bemfeitores da Provincia de São Paulo, e promotores da

liberdade que ella tanto anhela! | | O Redactor. *Farol Paulistano*, 07 de março de 1827 – CARTA DE REDATOR

(13) Lemos, e com horror notamos os seguintes artigos, que publicamos d'essa chamada carta das liberdades do Brazil; e que se devia appellidar a Constituição do nosso captiveiro, e da nossa eterna ignorancia: não ha um artigo, que não seja um attentado; pode ser, que interessasse a impressão de todo esse infame papel Telegrafico Columna, mas não cabe nos limites d'este Periodico. *Os nossos leitores SE CONFIRMARÃO* no juizo, que ja tem formado, dos males que nós-ameaçavão, e de que felizmente estamos salvos com a demissão do Ministerio Clementino. – Ahi vai a carta das liberdades do Brazil. *Farol Paulistano*, 30 de março de 1830 – CARTA DE REDATOR

A distribuição da próclise nos três gêneros textuais observados foi: 23 dados em anúncios – 10 com ênclise (44%) e 13 com próclise (56%); nove dados em cartas de leitores – 5 com ênclise (56%) e 4 com próclise (44%); e nove dados em cartas de redatores – 3 com ênclise (33%) e 6 com próclise (67%). Os percentuais de clV estão distribuídos nos gráficos da figura 2, a seguir.

Figura 2. Próclise em cartas de leitores, cartas de redatores e anúncios



Note-se que, de um modo geral, não há uma significativa diferença no uso da próclise nos anúncios, nas cartas de leitores e nas cartas de redatores. Em todos os textos, a média dos percentuais, que vão de 44% em cartas de redatores a 67% em cartas de leitores, fica em torno dos 50% assim como encontrado nas cartas pessoais da segunda metade do século XIX, conforme apresentado na seção anterior.

É importante registrar, no entanto, que foram poucos os dados considerados neste momento da análise e que esse reduzido número de dados possa influenciar os resultados obtidos uma vez que a diferença entre os três gêneros observados não parece condicionar o uso de uma ou de outra variante. Quando forem contabilizados os dados de todo o corpus mínimo comum do PHPB, disponibilizado pelas 11 equipes regionais do projeto, talvez, esses diferentes gêneros textuais possam se mostrar mais significativos e condicionadores no processo de variação/mudança na colocação de clíticos na diacronia do PB.

4. SISTEMATIZANDO RESULTADOS

De volta às hipóteses apresentadas na introdução deste trabalho, de um modo geral, tomando estudos já realizados, na segunda metade do século XIX, parece haver uma diferença significativa entre os padrões de colocação no contexto XV em cartas pessoais, com maior recorrência de próclise (49% ~ 79%), e em atas e peças de teatro, com menor ocorrência (33% ~ 32%). Já no que diz respeito aos anúncios, cartas de leitores e cartas de redatores do corpus mínimo do PHPB, o gênero textual parece pouco condicionar o uso da próclise ou da ênclise no contexto XV em textos paulistas da primeira metade do século XIX. Foram encontrados os seguintes percentuais: 56% em anúncios; 44% em cartas de leitores e 67% em cartas de redatores.

No que se refere à hipótese (ii), em relação ao fato de os diferentes padrões atestados poderem ser interpretados como a competição de diferentes gramáticas que refletem, no uso, a constituição da norma no Brasil do século XIX, apenas a análise do corpus na íntegra poderá responder.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALLOU, Dinah; CAVALCANTE, Sílvia; DUARTE, Maria Eugênia; LOPES, Célia; PAGOTTO, Emílio. (2009). Sobre norma e tratamento em cartas a Rui Barbosa. In: V. Aguilera. (Org.). *Para a História do Português Brasileiro*. Londrina: EDUEL-Editora da Universidade Estadual de Londrina, v. VII, p. 45-92.

CARNEIRO, Zenaide. (2005). *Cartas brasileiras (1809-1904): um estudo lingüístico-filológico*. Tese de Doutorado. UNICAMP.

CARNERIO, Zenaide.; ALMEIDA, Norma. A escrita de um forro no Brasil do século XIX: um estudo da colocação de clíticos. In: Vanderci Aguilera. *Para a História do Português Brasileiro*. Vol. VII – Vozes, veredas, voragens, Tomo I. Londrina: EDUEL, 2009, pp. 93-123.

PAGOTTO, Emílio; DUARTE, Maria Eugênia. Gênero e norma: avós e netos, classes e clíticos no final do século XIX. In: Lopes, Célia Regina dos Santos. (Org.). *A Norma Brasileira em Construção: fatos lingüísticos em cartas pessoais do século 19*. 1a. ed. Rio de Janeiro: In-Fólio, 2005, v., p. 67-82.

KROCH, A. Reflexes of Grammar in Patterns of Language Change. *Language Variations and Change*, 1, p. 199-244, 1989.

KROCH, A. Morphosyntactic Variation. In: BEALS, K. et al. (Ed.). *Papers from the 30th regional meeting of the Chicago Linguistics Society: parasession on variation and linguistic theory*, v. 2, p. 180-201, 1994.

KROCH, A. Syntactic Change. In: BALTIN, M.; COLLINS, C. (Ed.). *The handbook of contemporary syntactic theory*. Massachusetts: Blackwell, 2001, p. 699-729.

KROCH, A. *Mudança sintática*. Traduzido por Silvia Cavalcante. 2003. Disponível em: <<http://www.ling.upenn.edu/kroch>>.

LOPES, Célia.; MACHADO, A. C.; PAGOTTO, Emílio.; DUARTE, Maria Eugênia; CALLOU, D.; OLIVEIRA, J.; ELEUTÉRIO, S.; MARTELOTTA, Mario. (2006). A configuração da norma brasileira no século XIX: análise das cartas pessoais dos avós

Otoni. In: Tânia Lobo, Ilza Ribeiro, Zenaide Carneiro e Norma Almeida. *Para a História do Português Brasileiro*. Volume VI: novos dados, novas análises. Tomo II, pp.781-815.

MARTELOTTA, Mário; CAVALCANTE, Silvia; DUARTE, Maria Eugênia; PAGOTTO, Emílio; CALLOU, Dinah; LOPES, Célia. Sobre norma e tratamento em cartas a Rui Barbosa. In: Vanderci Aguilera. *Para a História do Português Brasileiro*. Vol. VII – Vozes, veredas, voragens, Tomo I. Londrina: EDUEL, 2009, pp. 45-92.

MARTINS, Marco Antonio. 2009. *Competição de gramáticas do português na escrita catarinense dos séculos 19 e 20*. Tese (Doutorado em Linguística), Florianópolis: Programa de pós-graduação em Linguística, UFSC.

MARTINS, Marco Antonio. “O português são três”: evidências empíricas para a hipótese de competição de gramáticas. *Revista da ABRALIN*, v. 9, p. 37-76, 2010.

PAGOTTO, Emilio. (1992). *A posição dos Clíticos em Português. Um estudo Diacrônico*. Dissertação de mestrado, Universidade de Campinas.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, Winfred P.; MALKIEL, Yakov (Ed.). *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas, 1968, p.95-188.